

Mídia e cotidiano urbano: mobilizações sociais e políticas sob duas abordagens de análise

Ângelica Carvalho Bandeira¹
Erika Cristine Kneib²

Resumo

Este artigo busca identificar, no cenário contemporâneo brasileira, resquícios de um sujeito que se apropria cotidianamente da cidade, diante da constatação pós-moderna de uma perda da experiência humana corporal com a cidade. A partir de uma pesquisa bibliográfica e um estudo de caso, delineiam-se para tanto a existência de um praticante ou *flâneur* atual nas mobilizações sociais e políticas atuais, mediadas pela internet.

Palavras-chave: Mobilizações sociais e políticas; Tática; *Flânerie*

Abstract

This article seeks to identify remnants of a subject who daily appropriates of the city in contemporary Brazilian scenario, before the postmodern realization of a loss of corporal experience with the city. From a literature review and analysis of a case study outline to both the existence of a current practitioner or *flâneur* in social mobilization and current policies, mediated by the internet.

Keywords: Social and political mobilizations; Tactical; *Flânerie*

Artigo recebido em: 15/10/2015

Aceito em: 21/12/2015

1 Mestranda do Programa de Pós - graduação Projeto e Cidade, área de concentração Projeto, Teoria, História e Crítica, Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais, Arquitetura e Urbanismo. Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Goiás E-mail: angelica.arqufug@gmail.com.

2 Mestre e Doutora em Transportes. Atua como professora e pesquisadora na Universidade Federal de Goiás, no curso de Arquitetura e Urbanismo e no Programa de Pós Graduação Projeto e Cidade. E-mail: erikacristine@gmail.com.

Introdução

Diversas manifestações sociais e políticas ocorreram nas cidades brasileiras no ano de 2015, encontrando brecha nos cidadãos que compartilham o consenso de insatisfação política, nas tecnologias interativas da internet e no próprio espaço físico da cidade.

Tais ativismos utilizam não apenas os espaços virtuais, mas concretizando-se nos espaços reais, demonstram que o espaço público das cidades brasileiras ainda é importante como palco e personagem das relações sociais, do cotidiano e da vida pública.

E, conseqüentemente, revelam uma transdisciplinaridade que alcança o campo do urbanismo e que, para tanto, necessita de investigação atenta, principalmente em tempos de discussão sobre o desaparecimento do espaço físico ou real em detrimento das novas tecnologias.

Habitando entre os espaços virtuais e os espaços físicos, destacam-se neste trabalho as mobilizações sociais e políticas atuais que utilizam as mídias interativas - como blogs, facebook e twitter, que favorecem a propagação de notícias e experiências - para organizarem suas ações e reuniões políticas, estéticas, coletivas e efêmeras no espaço público da cidade (BAMBOZZI, BASTOS, MINELLI, 2010, p. 220).

Nesse contexto, este artigo busca o entendimento dessas mobilizações e suas novas espacialidades híbridas, como objeto empírico, a partir de duas categorias analíticas encontradas em dois teóricos: como tática, em Certeau (1994) e em uma aproximação com a *flânerie* em Benjamin (1994).

O desenvolvimento do trabalho, para tanto, tem como metodologia: revisão teórica; definição do estudo de caso: a partir do objeto empírico das mobilizações foram escolhidas as manifestações brasileiras de 15 de março de 2015; análise empírica.

Primeiramente, reflete-se que essas mobilizações sociais e políticas mediadas pela internet, de uma forma geral, podem ser reconhecidas como práticas críticas, remetendo ao pensamento de Certeau (1994) sobre os “praticantes ordinários” da cidade e suas “táticas” desviantes dos processos hegemônicos, ao concretizarem-se a partir de trajetórias e narrativas.

E que ainda se aproximam, sob um viés metafórico, com a *flânerie*. A narrativa da experiência do personagem *flâneur* de Baudelaire, entre os séculos XIX e XX, revisitada por Benjamin (1994) e considerada como base para as operações estéticas de seus sucessores - os dadaístas, surrealistas, situacionistas e os contemporâneos.

Entre o espaço virtual e o espaço real

Na visão tecnológica da cidade contemporânea, os espaços virtuais - enquanto

informação abstrata ou rede de fluxos não materiais (CASTELLS, 2003) - e os espaços físicos - num sentido antropológico de conjunto de ruas, praças e edifícios que conformam a cidade (AUGÉ, 2010) - são compostos de dinâmicas similares: pelo movimento, pela descentralização, pela ausência de controle e pela perda de identidade (VÁZQUEZ, 2008).

De acordo com Vázquez (2008), a questão prioritária análoga de ambos está nos fluxos. Sendo, pois o movimento de informações, mercadorias, pessoas etc., prioritário sobre a forma urbana ou sobre qualquer outro elemento.

A descentralização faz alusão à forma física e às atividades econômicas. Tanto os espaços reais quanto os virtuais apresentam características físicas ou espaciais complexas, se constituem com caráter repetitivo, com fluxo contínuo e conexões, sem limites definidos ou com mais de um centro.

Trata-se de um “corpo fragmentado”, resultado da articulação de partes (fragmentos) de diferentes e diversos sujeitos, com partes de outros elementos, em múltiplos planos e contextos superpostos no tempo e no espaço (AGREST, 1988). Já a descentralização das atividades econômicas refere-se à concentração de comércios e serviços em núcleos especializados e autônomos espalhados pela cidade (VILLAÇA, 2001) os reconhece como subcentros ou centralidades.

A ausência de controle faz alusão às “maneiras de fazer” ou “táticas” (CERTEAU, 1994) dos “praticantes ordinários” contra a cidade “planejada e visível”. Os habitantes dos espaços virtuais e reais criam “táticas” para desvincular-se de leis, normas e regulamentos tradicionais, dos manuais de desenho urbano ou códigos digitais impostos aos habitantes de forma que tudo “floresce e morre de maneira repentina” (VÁZQUEZ, 2008).

Além disso, os espaços reais e virtuais contemporâneos apresentam um caráter distópico de ausência de história, de identidade, de tradições e de preexistências (VÁZQUEZ, 2008), dando abertura para o anonimato, a multidão, a solidão, a superficialidade e o efêmero (SIMMEL, 1973), formam-se assim os não-lugares (AUGÉ, 2010). Essa perda de identidade induz a outros fenômenos: a uniformização ou homogeneização, a desmaterialização e a manipulação do social (VÁZQUEZ, 2008).

A desmaterialização condiz com o alegado desaparecimento do espaço físico, da natureza ou dos lugares tradicionais ou antropológicos diante dos avanços tecnológicos e dos espaços virtuais, pregado por muitos autores pós-modernos como Sennet (1977).

Em relação ao processo de uniformização, consiste em como as cidades contemporâneas (reais e virtuais) são construídas sob mesma lógica de máximo benefício e de manipulação dos elementos sem precedentes, de forma a serem sempre os mesmos – em uma constituição de cidade genérica abordada por Koolhaas (2010).

Assim, é justamente em suas características paralelas de movimento, descentralização, ausência de controle e perda de identidade, que tanto os espaços virtuais (mídias interativas, redes sociais, etc.) quanto os espaços reais (ruas, praças, edifícios, etc.) são palco de lutas, de movimentos globais de insatisfação, indignação ou reivindicação social e política.

Tática e flânerie

Certeau (1994) concede visibilidade às práticas comuns das pessoas que configuram o seu cotidiano com o seu saber popular e sua criatividade, especialmente destaca-se aqui a prática de caminhar. Práticas essas “estranhas ao espaço geométrico ou geográfico” (CERTEAU, 1994, p. 172), isto é, a lógica de ação das estratégias e do saber erudito da política e planejamento urbano.

Muitas dessas práticas comuns remetem, por sua vez, ao que denomina de táticas ou operações. Ou seja, ações, maneiras de fazer, novas espacialidades, improvisações, enfim, apropriações de sujeitos ou “praticantes ordinários” na cidade, que realizam ações e movimentos diários e invisíveis ao planejamento.

Em uma crítica ao urbanismo moderno, Certeau (1994) acredita que a abstração da cidade, sob um ponto de vista aéreo e panorâmico, possibilita o desconhecimento dessas práticas cotidianas. Propõe, então, uma cidade transumante, pois como afirma:

mas embaixo (down) a partir dos limiares onde cessa a visibilidade, vivem os praticantes ordinários da cidade. Forma elementar dessa experiência, eles são caminhantes, pedestres [...] Uma cidade transumante, ou metafórica, insinua-se assim no texto claro da cidade planejada e visível (CERTEAU, 1994, p. 171-172).

É no espaço cotidiano a partir da ação de caminhar (e de se apropriar) do espaço público que se encontra a possibilidade de apreender e atuar sobre os diferentes fatores e processos que regem a cidade, especialmente, as tensões geradas pelo encontro da “ordem distante” com a “ordem próxima” (LEFEBVRE, 2000). Ou seja, respectivamente, as relações sociais influenciadas pelos processos homogeneizadores como o mercado econômico e o Estado a partir do saber erudito, racional ou objetivo de especialistas. E as relações interpessoais, diretas, flexíveis e sem racionalidade constituídas no cotidiano urbano dos “praticantes ordinários”.

A cidade do caminhante (transumante) proposta por Certeau (1994), para tanto, utiliza-se de diferentes ferramentais resultantes dos processos de caminhar, que não os mapas atemporais e as vistas panorâmicas de dominação da imagem: a trajetória, o itinerário ou percurso, referente às práticas, os movimentos, ações ou caminhos espaço-temporais vividos pelo sujeito.

A trajetória é o “próprio ato de passar a operação de ir, vagar ou “olhar as vitrines”, noutras palavras, a atividade dos passantes é transposta em pontos que compõem sobre o plano uma linha totalizante e reversível” (CERTEAU, 1994, p. 176).

Propõe também o relato ou narração cotidiana, a descrição das experiências das trajetórias, percursos ou itinerários. Um mapeamento dinâmico do espaço capaz de incorporar a dimensão espaço-temporal no qual “o fazer” cotidiano e “o fazer” teoria se sobrepõe. Certeau (1994) conclui assim:

Para ir para o trabalho ou voltar para casa, toma-se uma “metáfora” – um ônibus ou um trem [...] os relatos, cotidianos ou literários, são nossos transportes coletivos, nossas *metaphorai*. Todo relato é um relato de viagem – uma prática do espaço. A este título, tem a ver com as táticas cotidianas, faz parte delas, desde o abecedário da indicação espacial (“dobre à direita”, “siga à esquerda”) [...] até o “noticiário” de cada dia (“Adivinhe quem eu encontrei na padaria?”) [...] (CERTEAU, 1994, p. 199-200).

A experiência do sujeito que caminha na trajetória, percurso ou itinerário, e a sua conseqüente narrativa, no contexto brasileiro é considerado por Careri (2013) como antiurbano, pois:

[...] significa enfrentar muitos medos: medo da cidade, medo do espaço público, medo de infringir as regras, medo de apropriar-se do espaço, medo de ultrapassar barreiras muitas vezes inexistentes e medo dos outros cidadãos [...] o caminhar dá medo e, por isso, não se caminha mais; quem caminha é um sem-teto, um mendigo, um marginal. [...] nas faculdades de arquitetura, os estudantes [...] (CARERI, 2013, p. 241-242).

Por isso, Jacques (2005) se refere a uma maneira específica de caminhar pela cidade, a *flânerie*. Presente especialmente em Benjamim (1994), a *flânerie* como a ação de andar pela cidade, que atualiza ou reinventa os usos impostos pelos urbanistas, denuncia o que “escapa ao projeto espetacular” (JACQUES, 2011, p. 171) e torna-se “uma crítica ao urbanismo enquanto disciplina prática de intervenção nas cidades” (JACQUES, 2005, p. 20).

A *flânerie* foi assim uma reação crítica frente à transformação da cidade de Paris, onde Baudelaire viveu grande parte de sua vida (CHOAY, 1979; WAIZBORT, 2000), de uma cidade medieval para moderna pela implantação, dentre outros, da divisão de trabalho e gastos com obras de embelezamento que incluíram a demolição de bairros antigos, pela substituição de ruas estreitas por bulevares (grandes avenidas).

Mas, especialmente pela ordenação socioespacial imposta na expulsão dos personagens de Baudelaire do centro da cidade, os “praticantes ordinários” mais marginais e invisíveis da cidade, os mendigos, as prostitutas, os trapeiros (JACQUES, 2012).

Estar fora de casa e, contudo, sentir-se em casa onde quer que se encontre; ver o mundo, estar no centro do mundo e permanecer oculto ao mundo, eis alguns dos pequenos prazeres desses espíritos independentes, apaixonados, imparciais, que a

linguagem não pode definir senão toscamente (BAUDELAIRE, O PINTOR DA VIDA MODERNA, 2002).

Na narrativa, o personagem retratado é o *flâneur*, que pratica a *flânerie*, um desconhecido na multidão (BENJAMIN, 1994) que torna a cidade seu campo de investigação, mas sem se colocar em uma posição superior de pesquisador, distinguindo-se daquilo ou de quem observa.

Unindo os dois saberes, o do observador-pesquisador (formal ou erudito) e o saber popular (em termos referentes à CERTEAU, 1994), propõe uma proximidade com o sujeito ambulante e com suas práticas cotidianas. O *flâneur*, portanto, não apenas está em busca de si, mas experimenta e interage com o outro pela e através da rua, do espaço público.

Destaca-se então, a aproximação entre o corpo humano e a cidade, de tal forma que a apreensão ou percepção da cidade e do próprio corpo são sobrepostos. A cidade revela seus moradores, assim como o “rostro” humano revela a própria “fisionomia” da cidade (PEIXOTO, 2004). É o ato de caminhar inaugurando a experiência do espaço público resultante da relação entre corpo e cidade (JACQUES, 2012).

Nesse encontro consigo mesmo e com o outro, através do deslocamento pela multidão, o *flâneur* descobre condições contraditórias. Esse flunar só é possível pela própria metrópole moderna, pela multidão e pelo capitalismo (GROS, 2010), os motivos de sua crítica, como apresentado no trecho:

A multidão não é apenas o mais novo refúgio do proscrito; é também o mais novo entorpecente do abandonado. O *flâneur* é um abandonado na multidão. Com isso, partilha a situação da mercadoria. Não está consciente dessa situação particular, mas nem por isso ela age menos sobre ele (BENJAMIN, 1994, p.51).

O choque físico e mental da metrópole moderna (da velocidade, da cidade de grandes proporções e população, das grandes lojas e letreiros) provoca no sujeito formas de autoproteção psicológica, como a atitude blasé e a reserva (SIMMEL, 1973). Na multidão “fica impossível cumprimentar, parar, trocar três palavras”, diante da multidão hostil o sujeito é apenas mais um desconhecido, um concorrente ou um obstáculo no caminho para casa e para o trabalho (GROS, 2010).

O *flâneur* vai de encontro a essa embriaguez, dessa vertigem de sentidos ou choque da multidão e do capitalismo, presente na metrópole moderna. Eis a contradição:

Na atitude de quem sente prazer assim, deixava que o espetáculo da multidão agisse sobre ele. Contudo, o fascínio mais profundo desse espetáculo consistia em não desviá-lo, apesar da ebriedade em que o colocava, da terrível realidade social. [...] Para o *flâneur*, um véu cobre essa imagem. A massa é esse véu (BENJAMIN, 1994, p. 55-56).

Ainda cabe ressaltar, em limites instáveis entre o público, que a *flânerie* tem *lôcus* inicialmente em espaços específicos na cidade, as galerias. Ruas cobertas de vidro e cheias de atrativos (atividades comerciais) onde o automóvel ou outra máquina não é privilegiado.

Isso foi alterado com o processo de transformação da cidade (que se faz atual) na atração das pessoas para os espaços privados, padronizados e uniformizados, aparentemente perfeitos e sem conflitos (como Shoppings e Parques), e consequentemente, diferentes do espaço público.

No entanto, o *Flâneur* subverte a rapidez, a velocidade (GROS, 2010), sem se deixar absorver pela lógica da comercialização, da ocupação e dos automatismos da sociedade. Apresenta um ritmo próprio, a lentidão (JACQUES, 2012).

Para tanto, o desvio é necessário, desorientar-se e perder-se dos hábitos (JACQUES, 2012), sair do programado, dos caminhos usuais, dos processos hegemônicos e ir ao encontro do novo, do acidental, mas especialmente, das práticas cotidianas da “cidade transumante”. Destacado assim por Benjamin (1994):

Ocioso, caminha com uma personalidade, protestando assim contra a divisão de trabalho que transforma as pessoas em especialistas. Protesta igualmente contra a industriiosidade. Por algum tempo, em torno de 1840, foi de bom-tom levar tartarugas a passear pelas galerias. De bom grado, o flâneur deixava que elas lhe prescrevessem o ritmo de caminhar. (p. 50)

O que implica na apreensão e percepção urbanas de uma forma mais “poética, sensorial e, no limite, até mesmo libidínica ou erótica das cidades” (JACQUES, 2005, p.24). E, por isso, parte-se ainda do pressuposto que a percepção das cidades ocorre pela experiência do sujeito ou praticante em movimento, que permite a construção de imagens e imaginários. E, por conseguinte, a construção de narrativas e a utilização do espaço (em suas trajetórias).

Como percepção, a imagem apresenta cores, tempo histórico, formas, localização, etc., são registros icônicos, físicos, documentais, estáticos e visuais da história da cidade (FERRARA, 2000), que podem ser utilizados para formar a cidade espetacular.

A dominação da imagem publicitária na criação e propagação de consensos, de espaços privados cenográficos aparentemente perfeitos e sem conflitos (como Shoppings e Parques), exclui as práticas cotidianas de sujeitos, marginalizados ou não, suas vivências, improvisações, desvios, conflitos e dissensos dos espaços (JACQUES, 2011). Pode-se concluir assim que a imagem:

É o recurso utilizado para resgatar a aparência urbana e é responsável pela tentativa de fazer a cidade, sobretudo a moderna, apresentar um visual sempre novo, saneado e adequado. [...] Pública, a imagem urbana só se revela nos espaços institucionais e o seu reconhecimento supõe a percepção coletiva que consagra e faz circular valores, marcas, referências e identidades urbanas: aí estão o Cristo Redentor, a Estátua da Liberdade ou o Pelourinho. (FERRARA, 200, p. 120).

Destaca-se, no entanto, o imaginário que como percepção, produzido pelo inconsciente, sonho ou irreal, se opõe ao passeio turístico ou espetacular. Permitindo a comparação entre cidades e, a partir da vivência urbana, a construção de significados (FERRARA, 2000). É esse imaginário que:

inspira a poesia de Baudelaire [...] ou, entre nós, de João Cabral de Melo Neto [...] Esse imaginário recluso, que parece se retirar da cidade para poder vivê-la e senti-la [...] O flâneur e a flânerie [...] comparam a experiência urbana de hoje com a de ontem [...] penetra mais profundamente na natureza da experiência urbana como informação capaz de transformar o conhecimento. Daí conhece uma cidade por meio da outra, [...] O flânar urbano supõe um estranhamento pouco à vontade, em tudo oposto ao hábito coletivo da imagem. Esse estranhamento solitário e anônimo é responsável pela dinâmica narrativa do imaginário que fixa e relaciona contextos, situações e, sobretudo, figuras, os tipos característicos das cidades de todos os tempos e lugares do planeta. [...] Por meio do imaginário, a velocidade da máquina e as transformações tecnológicas passam a ser signos, passam a representar o próprio modo de vida urbano e moderno. (FERRARA, 2000, p. 121-122).

Assim, é a relação entre imagem e, especialmente, o imaginário, que as narrativas e as trajetórias das mobilizações sociais e políticas como das práticas artísticas precedentes se fundamentam. O imaginário que consiste na apropriação da cidade pelo sujeito, a cidade enquanto o espaço físico, mas, sobretudo, palco e personagem nas relações sociais.

Análise e resultados

Nas mobilizações brasileiras atuais, mediadas pela internet, a experiência do caminhar é essencial, apresentando uma trajetória a ser percorrida e apropriada na cidade, delimitada e divulgada no espaço virtual. De forma que, essa experiência, concretizada no espaço físico é registrada, simultaneamente, por textos, vídeos ou fotos pelas mídias interativas nos espaços virtuais, configurando-se como narrativas ou relatos.

Podendo assim, ao se configurarem por trajetórias e narrativas em âmbito geral, serem consideradas como “táticas”, segundo o pensamento de Certeau (1994). A “tática” que critica a “ordem distante” (LEFEBVRE, 2000), seja referente à corrupção política, à reivindicação de direitos, entre outros. Em uma verdadeira manipulação de espaços (virtuais e reais), jogando com o “inevitável dos acontecimentos para torna-los habitáveis”, instaurando uma “confiabilidade nas situações sofridas” e nela uma “mobilidade plural de interesses e prazeres” (CERTEAU, 1994, p. 50-51).

A constatação se baseia na análise realizada, como estudo de caso, das manifestações ocorridas em 15 de março de 2015 no Brasil, iniciadas e divulgadas pelos grupos “Vem pra rua” e “Movimento Brasil livre” em *Websites, Twitter e Facebook*.

Escolhida como objeto empírico, como a maior mobilização brasileira desde as “Diretas Já” de abril de 1984, sendo inteiramente convocada através das redes na in-

ternet. Pelo menos 22 estados participaram com pautas variadas, entre elas, contra a corrupção política, pelo *impeachment* da presidente, por reformas políticas e intervenção militar (ESTADÃO, 2015). Como pode ser percebido no relato a seguir:

A cada dia fica mais clara a culpa por omissão ou negligência da Presidente Dilma nos bilionários escândalos de corrupção envolvendo a Petrobras. Dilma, além de ser Presidente da República há quatro anos, presidiu o Conselho de Administração da Petrobras por quase oito anos (2003-2010) – período onde ocorreram verdadeiras monstruosidades envolvendo recursos da maior empresa do Brasil. É hora de darmos um basta nisso e mostrarmos que o Brasil não é e nem será de políticos corruptos que se utilizam das nossas riquezas para levarem vantagem e se perpetuarem no poder (MOVIMENTO LIVRE-GO, 2015a).

Cada uma das cidades participantes apresentou uma trajetória estabelecida nos espaços públicos de maior relevância histórica e comercial. No caso, por exemplo, da cidade de Goiânia, no estado de Goiás, o ponto de encontro ocorreu na Praça Tamarandaré, Setor oeste, Área central. As pessoas reunidas percorreram ainda de quatro a cinco quilômetros até a Superintendência da Polícia Federal de Goiás, na Avenida Edmundo Pinheiro de Abreu, Setor Bela Vista (Figura 1).



Figura 1. Cruzamento entre a Avenida Edmundo Pinheiro de Abreu e a Alameda Cel. Eugênio Jardim, próximo a Superintendência da Polícia Federal de Goiás.

Fonte: Movimento Brasil Livre – GO, 2015b.

O imaginário presente na relação com a imagem global do Brasil enquanto “país do futebol e do carnaval”; com o hino nacional; com a manifestação histórica das “Diretas já!”; com o impeachment do presidente Collor; e com as culturas locais. Relatos

que capturam uma diversidade de sentimentos, memórias e informações oriundas de sua experiência individual e coletiva nas manifestações. Alguns desses relatos são:

Fora Dilma? Ainda não sei. Mas vale a pena ir às ruas só por conta disso tudo. Clima das manifestações: uma mulher espirrou, eu falei “saúde”, ela respondeu “educação” e todos à volta cantaram o hino nacional.

Organizadores do protesto gritam palavras de ordem.

Gritos e música já tomam conta do centro da cidade.

Vim de graça, gritam manifestantes no Rio.

A primeira vez q vejo o civismo patriótico verde e amarelo brasileiro desvinculado d futebol.

É manifestação ou entrada de estádio em dia de jogo da seleção?

Em salvador é protesto ou micareta?

Um amigo manda foto do metrôSP com o pessoal indo p/ AV. Paulista agora!

Menos ódio, mais democracia, menos aumentos nos preços, menos impostos, menos regalias para parlamentares.

Brasileiros alteraram seu status «Deitado em berço esplêndido», para «verás que um filho teu não foge à luta»!

O que o Collor diria a Dilma?

Como diria Cazuzu: «Que país e esse?»

E ontem fui às ruas participar de manifestação pacífica contra o governo.

Espero que essas manifestações sirvam pra melhora mesmo, não fique só no protesto.

(Modificado de BLOG 15 DE MARÇO, 2015; #15DEMARCO, 2015a)

Os relatos dos participantes foram, assim, construídos com o saber popular e utilizando-se de sua criatividade - para ainda desenvolverem cartazes e artes de rua (figura 2) - de forma múltipla próxima à bricolagem e mantendo relações com um imaginário.



Figura 2. Criatividade e saber popular dos manifestantes com cartazes e arte de rua

Fonte: Modificado de #15demarço, 2015b; 2015c.

Conclui-se, para tanto, que o manifestante se torna o “praticante ordinário” de

uma “cidade transumante” e as manifestações tornam-se ações de apreensão, reflexão, e, sobretudo, de resistência à cidade “planejada e visível” que tanto critica Certeau (1994).

Em tais manifestações não se perde a experiência da velocidade, esta, no entanto, é outra. Diferente do movimento apático e distante, no interior dos transportes motorizados, é o corpo humano que caminha “ao rés do chão” (CERTEAU, 1994, p.176), subvertendo as lógicas dominantes da “ordem distante”, da comercialização, da ocupação e dos automatismos da sociedade.

Corpos e espaços deixam de ser “passivos”, o corpo em sua condição de movimento, de esforço físico e espontâneo, reestabelece o vínculo consigo mesmo, com os outros e com a cidade. Pois enfrentam o medo da cidade, dos outros cidadãos, de infringir as regras, de apropriar-se do espaço público, de ultrapassar barreiras muitas vezes inexistentes. Deixa-se o individualismo, a apatia, os espaços privatizados amorfos e fragmentados, mesmo que de forma temporária (figura 3).

As mobilizações reúnem pessoas nos espaços públicos que modificam as condições funcionais programadas pelo saber erudito e pelos especialistas. As vias deixam de ser para os automóveis e para os deslocamentos diários, e passam a pertencer a uma multidão.



Figura 3. Evento de 15 de março de 2015, Goiânia, Goiás.

Fonte: Movimento Brasil Livre – GO, 2015c.

Essa experiência crítica de caminhar pela cidade revela ainda, um estado do sujeito diferente do transeunte alheio em seus afazeres cotidianos. Revela um estado mais próximo ao *flâneur*, pois, mesmo em um agir coletivo e em uma trajetória deli-

mitada, o indivíduo assume caráter de anônimo diante de uma multidão que caminha e explora a cidade.

Como o *flâneur*, o manifestante também subverte as lógicas dominantes da ordem distante, de comercialização, da ocupação e dos automatismos da sociedade. Apresentando ainda, um ritmo próprio de lentidão, ao ir ao encontro do outro, com o caminhar e se apropriar do espaço público pouco familiar ao seu cotidiano. E assim, em uma aproximação com a *flânerie*, tornam-se ações de apreensão, reflexão, e, sobretudo, de resistência à cidade “planejada e visível” (CERTEAU, 1994).

Considerações finais

A partir da revisão teórica realizada e pela análise do estudo de caso, correspondendo aos pensamentos de Certeau (1994) e Benjamin (1994), as mobilizações brasileiras atuais mediadas pela internet podem ser reconhecidas, de uma forma geral, como práticas críticas e uma aproximação à *flânerie*, na produção, apreensão e reflexão do conflito social, intrínseco à produção do espaço vivido.

Corroborando por fim, para a proposição de novos questionamentos, direcionando as investigações posteriores: essas manifestações mediadas pela internet poderiam também tornar-se permanentes restabelecendo, assim, a conexão entre o espaço público, o sujeito e suas práticas? Diante do medo atual de caminhar e da própria crise da cidade, essas práticas revelariam alternativas para atuar e intervir nas cidades e sociedades contemporâneas? Podem destacar ainda, a importância do caminhar, a necessidade de retomar essa experiência no cotidiano urbano e a necessidade de mudança de mentalidade que conduza finalmente a uma nova (ou atualizada) atitude frente à cidade?

Referências

- AUGÉ, Marc. **Por uma antropologia da mobilidade**. Maceió, Al, Edufal: Unesp, 2010.
- BAMBOZZI, L.; BASTOS, M.; MINELLI, R. **Mediações, tecnologia e espaço público. Panorama crítico da arte em mídias móveis**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2010.
- BAUDELAIRE, Charles. **O pintor da vida moderna**. Trad. Suely Cassal. Original de 1863. In: Poesia e Prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.
- BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. 3ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994, p. 33-65.
- BLOG 15 DE MARÇO, 2015. Disponível em: <<https://twitter.com/15demarco>>. Acesso em: Agosto de 2015.

CARERI, Francesco. **Transurbância + Walkscapesteneyears later**. Tradução de: Federico Bonaldo. Redobra, n. 11, ano 4, 2013, p. 235-247.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 37-53 e 169-217.

CHAOY, Françoise. **O urbanismo: utopias e realidades**. Uma antologia. Tradução Dafne Nascimento Rodrigues. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 329-338.

ESTADÃO. Manifestações contra Dilma levam multidão às ruas do País. São Paulo, 2015. Disponível em: <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,manifestacoes-contra-dilma-levam-multidao-as-ruas-do-pais,1651418>. Acesso em: Agosto de 2015.

FERRARA, Lucrécia d'Alessio. **Os significados urbanos**. São Paulo: Edusp: Fanesp, 2000, p. 115-131.

GROS, Frédéric. **Caminhar, uma filosofia**. São Paulo: É Realizações, 2010, p. 177-187.

JACQUES, Paola Berenstein. **Errâncias Urbanas: a arte de andar pela cidade**. Arqtex-to 7, 2005, p. 16-25.

_____. Microresistências urbanas: por um urbanismo incorporado. In: MARCOS, L. Rosa. **Micro Planejamento: Práticas Urbanas Criativas**. São Paulo: Editora de Cultura, 2011.

_____. **Elogio aos errantes**. Salvador: Edufba, 2012.

KOOLHAAS, R. **Três textos sobre a cidade**. Trad. Luis Santiago Baptista. Barcelona: Gustavo Gili, 2010

LEFEBVRE, Henri. **La production de l'espace**. Paris: Anthropos, 2000.

MOVIMENTO BRASIL LIVRE – GO, 2015a. Disponível em: <https://www.facebook.com/events/1403512186623411>. Acesso em: Agosto de 2015.

_____. 2015b. Altura: 720 pixels. Largura: 480 pixels. 96,1 kb. Formato JPEG. Disponível em: <<https://www.facebook.com/753430051395191/photos/pb.753430051395191.-2207520000.1441314466./826756487395880/?type=3&theater>>. Acesso em: Agosto de 2015.

_____. 2015c. Altura: 720 pixels. Largura: 540 pixels. 110 kb. Formato JPEG. Disponível em: <<https://www.facebook.com/753430051395191/photos/pb.753430051395191.-2207520000.1441314468./826420217429507/?type=3&theater>>. Acesso em: Agosto de 2015.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens urbanas**. 3ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora Senac, 2004, p. 55-66.

- SENNET, R. **The fall of the Public Man**. New York: WW Northon & Company, 1977.
- SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O fenômeno Urbano**. 2ª ed. Trad. Sérgio Marques dos Reis. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973, p. 11-25.
- VÁZQUEZ, Carlos Garcia. **Ciudad Hojaldre**: Visiones urbanas del siglo XXI. Barcelona: Gustavo Gili SL, 2008, p. 172-226.
- VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano**. São Paulo: Studio Nobel, 2001.
- WAIZBORT, Leopoldo. **As aventuras de Gerog Simmel**. São Paulo: Editora 34, 2000, p. 311-340.
- #15DEMARCO, 2015a [mensagens pessoais]. Disponível em: <<https://twitter.com/search?q=%2315demarco&src=typd>>. Acesso em: Agosto de 2015.
- _____. 2015b [mensagens pessoais]. Disponível em: <https://twitter.com/search?f=tweets&vertical=default&q=%2315demarco&src=typd>. Acesso em: Agosto de 2015.
- _____. 2015c [mensagens pessoais]. Disponível em: <https://twitter.com/search?f=tweets&vertical=default&q=%2315demarco&src=typd>. Acesso em: Agosto de 2015.